



SOBRE CINEMA E GEOGRAFIA NA ESCOLA: ALGUMAS APROXIMAÇÕES DE PESQUISA

Ana Paula Nunes Chaves

ana.chaves@udesc.br¹

Ana Maria Hoepers Preve

anamariapreve@gmail.com²

Resumo

Em 2014, a Lei 13.006 tornou obrigatória a exibição de filmes do cinema nacional nas escolas brasileiras, como componente curricular complementar. A obrigatoriedade de exibição de pelo menos duas horas mensais de filmes brasileiros trouxe a tona a discussão a respeito de como (e se) o cinema vem sendo utilizado no âmbito escolar. No ano seguinte, professores pesquisadores da Rede Internacional de Pesquisa Imagens, Geografias e Educação propuseram uma pesquisa comum a todos os polos da Rede (Brasil, Argentina e Colômbia), por meio de um questionário base, afim de averiguar de que forma os professores de Geografia estavam se apropriando desta nova possibilidade na educação. Embora a tabulação dos dados de todos os polos brasileiros ainda esteja sendo finalizada, o presente artigo procura traçar diálogos com as primeiras reflexões trazidas por Oliveira Jr.(2017), a respeito das análises iniciais da pesquisa comum. Assim, este artigo tem como objetivo apresentar algumas das análises preliminares da pesquisa As telas da escola: cinema e professores de geografia, considerando os questionários respondidos por professores de geografia atuantes na educação básica na região da Grande Florianópolis. A partir daí, almejamos colocar em cena o papel educativo das imagens a partir do levantamento dos filmes brasileiros mais utilizados pelos professores de geografia em sala de aula. Nesse sentido, observamos como os filmes têm a potência de marcar o imaginário espacial e cultural dos alunos e, a partir disso, atentar para a necessidade de discussão sobre os filmes apresentados, mostrando-os como um dos pontos de vista da realidade, mas não o único.

Palavras-chave: Educação geográfica; Cinema; Cultura visual.

O cinema é conhecimento e invenção de mundo.

Adriana Fresquet e Cezar Migliorin (2015)

¹ Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da FAED/UEDESC. Integrante da Rede Internacional de Pesquisas Imagens, Geografias e Educação.

² Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da FAED/UEDESC. Integrante da Rede Internacional de Pesquisas Imagens, Geografias e Educação.

Em 2014, a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica do país ganhou mais um importante incentivo: a Lei 13.006. A Lei foi sancionada em 26 de junho de 2014 e alterou o artigo 26 da Lei nº 9.394, sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). No artigo 26 da LDBEN, acrescentou-se o inciso §8 tornando obrigatória a exibição mensal de, pelo menos, duas horas de filmes de produção nacional como “componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola” (BRASIL, 2014).

Um ano após a aprovação da Lei 13.006, a Rede Internacional de Pesquisa Imagens, Geografias e Educação³ promoveu o IV Colóquio Internacional “A Educação pelas Imagens e suas Geografias”⁴, em novembro de 2015 na cidade de Uberlândia/MG. Naquela ocasião, professores pesquisadores integrantes da Rede, entusiastas das novas possibilidades advindas da recente lei, propuseram uma pesquisa comum a todos os polos da Rede no Brasil, na Argentina e na Colômbia. Foi assim que, em 2016, iniciamos a pesquisa *As telas da escola: cinema e professores de geografia*.

A pesquisa *As telas da escola: cinema e professores de geografia* tem como objetivo estabelecer relações entre cinema brasileiro e professores de geografia, no intuito de traçar um panorama geral que nos permita visualizar, de forma micro e macro, a utilização do cinema no âmbito escolar. A partir de um único instrumento de investigação, um questionário-base com 16 perguntas⁵, os oito polos integrantes da Rede entrevistaram professores da educação básica em diferentes regiões do Brasil e da América Latina.

Até o presente momento, os dados oriundos dos questionários aplicados pelos polos ainda estão sendo tabulados para servir de base para escritas diversas sobre as diferentes realidades encontradas. Escritas estas derivadas da pesquisa comum, geradoras de interpretações comparativas entre os polos ou, simplesmente, representativas de uma dada região. É nesse segundo grupo, da pesquisa proveniente dos questionários aplicados pelo polo sul de Santa Catarina, de onde falamos e movimentamos reflexões para apresentar neste texto.

³ A Rede Internacional de Pesquisa Imagens, Geografias e Educação desenvolve pesquisas e escritos desde 2009 e, em 2011, foi institucionalizada com a aprovação do primeiro projeto pelo CNPq (processo 477376/2011-8), coordenado pelo Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Júnior. Atualmente, a Rede é coordenada pela Profa. Dra. Flaviana Gasparotti Nunes.

⁴ Para mais informações, conferir <<https://4coloquioimagens.wordpress.com/>>. Acesso em 24 mar. 2019.

⁵ Para conhecer os detalhes do questionário, acesse <<https://www.atlasudesc.com/>>. Acesso em 24 mar. 2019.



Assim, este artigo tem como objetivo apresentar algumas das análises preliminares da pesquisa *As telas da escola: cinema e professores de geografia*, considerando os questionários respondidos por professores de geografia atuantes na educação básica na região da Grande Florianópolis. A partir daí, almejamos colocar em cena o papel educativo das imagens e, em particular, as imagens fílmicas como alavanca para refletirmos sobre a formação de imaginários espaciais por meio dos registros visuais que circundam a geografia escolar.

Cinema e professores de geografia: olhando para os dados

Desde o início dos anos 2000, as abordagens teórico-metodológicas acerca do cinema e da educação escolar vêm sendo intensamente estudadas por professores interessados em refletir sobre cultura visual, cinema e escola⁶. Preocupados com a preservação do cinema nacional, e envolvidos em pesquisas que circundam o tema do cinema e do audiovisual, professores de diferentes instituições têm se dedicado a projetos e publicações que nos servem de inspiração para pensar sobre cinema e educação escolar (OLIVEIRA JR., 1999, 2005; FRESQUET, 2007, 2015; AZEVEDO, RAMÍREZ, OLIVEIRA JR., 2015a, 2015b).

No último Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia – XIII ENPEG, realizado na cidade de Belo Horizonte em 2017, o professor Wenceslao Machado de Oliveira Junior apresentou o resultado parcial da pesquisa *As telas da escola: cinema e professores de geografia*. No texto “O mistério das comédias entre o cinema e a escola: primeiras perguntas de uma pesquisa às respostas dos professores de geografia” (OLIVEIRA JR., 2017), o autor nos conta como, embora o gênero comédia fosse um dos gêneros de maior interesse dos 34 professores que participaram da pesquisa, ele praticamente desaparece das práticas escolares daquele grupo.

As respostas analisadas derivaram das seguintes questões do questionário-base da pesquisa:

3. Gosta de cinema? Sim () Não ()

Quais os tipos de filmes você prefere assistir? (Marque quantas opções forem necessárias, indicando a ordem de importância 1, 2, 3, 4...)

() Ação () Animação () Bíblico () Comédia () Documentário

⁶ Um exemplo é a Rede Kino - Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual, fundada em 2009 por um grupo de professores, pesquisadores, produtores, estudantes e representantes de organizações do âmbito do cinema e do audiovisual. Para saber mais, conferir <<http://www.redekino.com.br/>>. Acesso em 24 mar. 2019.

Drama Guerra Musical Policial Western

Outro. Quais? _____

15. Que filmes brasileiros você já utiliza na escola?

16. Quais outros filmes brasileiros você gostaria de utilizar?

As respostas à questão 3 oferecem um panorama dos gostos pessoais dos professores em relação aos gêneros cinematográficos. Aqui é importante notar que a questão foi elaborada para que os participantes escolhessem as opções numerando-as de forma crescente ao grau de importância dos gêneros favoritos. Os principais gêneros indicados por aquele grupo foram Ação e Documentário, com 28% das preferências cada um, e Comédia, em terceiro lugar na preferência dos docentes, com 19% de indicações.

Em relação às respostas das perguntas 15 e 16, o interesse estava em saber quais filmes brasileiros os professores exibem na escola, e quais seriam outros títulos de filmes brasileiros que gostariam de exibir, respectivamente. Apesar do destaque do gênero Comédia anunciado nas respostas à questão 3, no que diz respeito aos títulos do cinema nacional que os professores exibem na escola, ou que desejam exibir, apenas três filmes o autor enquadrou no gênero Comédia: “O auto da Compadecida” (ARRAES, 2000), “Lisbela e o prisioneiro” (ARRAES, 2003) e “Narradores de Javé” (CAFFÉ, 2004). Nesse primeiro inventário de dados, identificou que todos “os demais quarenta e poucos filmes não se aproximam de qualquer definição de comédia cinematográfica” (p. 585).

Com base no cruzamento e na análise dos dados das três perguntas, Oliveira Jr. percebeu que exemplos do gênero Comédia são praticamente banidos da listagem de filmes indicada pelos professores. A ausência de filmes de comédia podia ser sentida tanto nas preferências de filmes, quanto nas respostas dos títulos que estes exibiam, ou desejavam exibir na escola.



Do estranhamento daí derivado, o autor sugeriu algumas hipóteses, ainda sem respostas: o mistério das comédias “poderia ser entendido somente como algum tipo de resistência ao riso pela “séria” cultura escolar brasileira”? (p. 583). “Por que o riso e a comédia (...) não têm sido tomados como entretenimento ou crítica, como elaboração artística e, principalmente, como ampliação cultural ou mesmo como conteúdo geográfico pela grande maioria desses professores?” (p. 592).

Valendo-se desse primeiro cenário de pesquisa, fomos levadas a refletir sobre alguns pontos de encontro sobre o que já sabemos, e do que gostaríamos de saber, sobre cinema e professores de geografia. Importante dizer que, por ora, não almejamos tecer aprofundadas análises comparativas entre os diferentes grupos da pesquisa, nem mesmo pretendemos emaranhar generalizações a respeito do cinema nas escolas catarinenses. Estamos distantes da incumbência de encontrar uma resposta única que acalante nosso espírito investigativo. Aqui, lidamos com esse primeiro cenário de dados oriundos da pesquisa comum como disparador para gerar e alimentar novas perguntas, para movimentar o pensamento a respeito da tríade cinema, geografia e educação. Pensando junto com Oliveira Jr.(2017, p. 584), “pesquisamos para formular perguntas, a maior quantidade possível de perguntas que nos auxiliem – que auxiliem qualquer professor – a pensar o próprio contexto onde e quando se configure tendo o cinema como uma das trajetórias ali copresentes”.

Com o intuito de averiguar como se dá a relação cinema e escola, mais especificamente no âmbito das práticas da educação geográfica, o polo sul de Santa Catarina recebeu 31 questionários de professores de geografia atuantes em escolas públicas e privadas, sendo a maioria dos professores residentes na região da Grande Florianópolis.

Se no primeiro cenário da pesquisa a Comédia destaca-se como uma das preferências dos professores, neste segundo grupo de respostas, poucos são os professores que se interessam por esse gênero. No entanto, assim como na pesquisa apresentada por Oliveira Jr., os gêneros Documentário e Ação despontam entre os favoritos.

Vejamos os dados.

Dos 31 professores que participaram da pesquisa no estado catarinense, apenas 14 indicaram suas preferências de gênero cinematográfico.

Tabela 1. Sobre a 1ª preferência de filmes indicada pelos professores em SC

Gênero	Nº
Ação	2
Animação	0
Bíblicos	0
Comédias	1
Documentário	2
Drama	4
Guerra	2
Musicais	0
Policiais	0
Western	0

Tabela 2. Sobre a 2ª preferência de filmes indicada pelos professores em SC

Gênero	Nº
Ação	4
Animação	0
Bíblicos	0
Comédias	2
Documentário	2
Drama	1
Guerra	1
Musicais	1
Policiais	2
Western	0

Fonte: Tabulação de resultados da pesquisa “As telas da escola: cinema e professores de geografia”.

Se a Comédia está na preferência dos docentes investigados por Oliveira Jr., paradoxalmente, os docentes de Santa Catarina preferem o gênero Drama. O gênero Drama foi indicado como primeira preferência por quatro professores catarinenses. Os gêneros Documentário, Ação e Guerra foram indicados por dois professores e, a Comédia, lembrada por apenas um professor. Avaliando a segunda preferência, o gênero Ação foi citado por quatro professores, seguido dos gêneros Comédia, Documentário e Policiais, com duas indicações cada um.

Tal inventário de predileção pelos dramas pode ser conferido nos próprios títulos dos filmes mencionados pelos professores em resposta à questão 4 do questionário-base.

4. Gosta de cinema brasileiro? Sim () – Não ()

Cite alguns filmes brasileiros que viu (indicando a ordem de importância 1, 2, 3, 4...):

Quando perguntados sobre os filmes brasileiros que haviam assistido, mais de 60 filmes foram listados. Os cinco mais citados foram: “Cidade de Deus” (Fernando Meirelles e



Kátia Lund, 2002); “Central do Brasil” (Walter Salles, 1998); “O Auto da Compadecida” (Guel Arraes, 2000); “Tropa de Elite” (José Padilha, 2007) e “Carandiru: O Filme” (Héctor Babenco, 2003). Com exceção da comédia “O Auto da Compadecida”, todos os demais filmes figuram como um Drama ou Drama/Policial.

No entanto, não foi apenas a preferência pelo gênero Drama que nos chamou a atenção nas respostas dos professores, mas a indicação recorrente dos cinco filmes brasileiros listados. De fato, os cinco filmes configuram-se como referências cinematográficas do cinema brasileiro e aqui é indiscutível sua presença na lista de predileção dos professores. O que gostaríamos de destacar é o papel educativo das imagens por meio de discursos e narrativas que constroem imaginários geográficos (LINDÓN; HIERNAUX, 2012; COSGROVE, 2006). A partir de uma lépida análise dos enredos dos títulos mais indicados pelos professores, poderíamos considerar o cinema como alavanca para refletirmos sobre determinados espaços e os registros visuais que circundam a geografia escolar? Mesmo desconhecendo pessoalmente os locais retratados nestes filmes, tais discursos e narrativas nos levariam a refletir sobre espacialidades urbanas?

Os filmes “Cidade de Deus”, “Central do Brasil”, “Tropa de Elite” e “Carandiru: O Filme” fazem uso da cidade e das paisagens urbanas de grandes metrópoles como, neste caso, Rio de Janeiro e São Paulo, como cenários para o desenvolvimento dos enredos. “Cidade de Deus” e “Tropa de Elite” usam como pano de fundo as favelas cariocas. “Central do Brasil” apresenta o entorno da estação de trens Central do Brasil, no centro do Rio de Janeiro, e “Carandiru: O Filme” expõe o cotidiano da extinta Casa de Detenção, localizada no bairro Carandiru em São Paulo.

Nos quatro filmes citados, a cidade é uma representação ficcional que estabelece uma relação direta com a realidade e muito se aproxima de fatos cotidianos vivenciados pela população brasileira. Em todos os quatro títulos citados pelos professores o enredo explora os contrastes sociais e a violência urbana. As imagens fílmicas retratadas exibem formas de ver a cidade desde seus discursos, linguagens, estéticas e experiências, sugerem e criam imaginários acerca dos espaços e espacialidades ali postos em voga. Assim, as imagens que circulam estas produções potencializam nosso entendimento sobre esses lugares. Nesse sentido, Costa (2014, p. 146) indica que “é por meio dos personagens e seus percursos nos espaços urbanos, (...) que os filmes constroem, não apenas sua narrativa, mas também a imaginação e o espírito

inquisitivo do espectador acerca dos mundos visuais, sociais, culturais e psicológicos associados aos *lugares*.”.

Considerando que as imagens são centrais na produção e difusão de conhecimentos (DUSSEL; GUTIERREZ, 2006), não poderíamos cogitar que o cinema, por sua larga repercussão e reverberação de imagens, contribuiria para a produção de determinados imaginários geográficos? Tratando-se das quatro películas em evidência, não seria plausível forjarem subjetividades topofóbicas a exemplo da imagem da insegurança atribuída à tônica principal dos títulos indicados? E mais, seriam os enredos cinematográficos, em quaisquer de suas vertentes, uma prova da realidade?

Tais questões no escopo desta pesquisa visam desencadear uma relação com o cinema que vai além de sua função exclusiva e única de captura do real, mas, antes, o cinema como linguagem que configura o real, que participa de sua construção, agindo na realidade inventando imagens e sons que compõem e se descompõem. Nesse sentido, Azevedo, Ramirez e Oliveira Jr. (2015a, p. 9) dizem que

Imagem e paisagem não se opõem, nem se distanciam (uma referindo-se à outra), mas constituem-se mutuamente, sendo uma o intervalo da outra, onde novos devires emergem de e para cada um desses “polos”, devires gestados, experimentados no encontro entre cinema e espaço, entre paisagem e imagem: geografias intervalares, que não são, mas sim devém.

Na tentativa de encontrar possíveis respostas para essas perguntas, nos deparamos com outros dados da pesquisa que nos chamaram a atenção: o total de indicações dos gêneros cinematográficos.

Ao analisarmos os gêneros mais assistidos pelos professores temos o Documentário com 84% da preferência, seguido do gênero Ação com 70% de indicações. Diagnóstico semelhante ao apresentado por Oliveira Jr.

Tabela 3. Sobre a preferência de filmes indicada pelos professores em SC

Gênero	%
Documentário	84%
Ação	70%
Guerra	64%
Drama	58%



Animação	55%
Policiais	55%
Comédias	42%
Western	19%
Bíblicos	13%
Musicais	13%

Fonte: Tabulação de resultados da pesquisa “As telas da escola: cinema e professores de geografia”.

Ao analisarmos as respostas às questões 15 e 16, sobre os filmes brasileiros que os professores exibem na escola e outros títulos de filmes que gostariam de exibir, dentre os exemplos de documentários citados pelos professores estão o curta metragem “Ilha das Flores” (Jorge Furtado, 1989) e o documentário anglo-brasileiro “Lixo Extraordinário” (Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley, 2010). Ademais, há diversos títulos que os professores conhecem, gostam e usam para trabalhar conteúdos específicos em sala de aula que, embora não sejam documentários, são películas com forte apelo à realidade.

Quando perguntamos aos professores catarinenses quais os filmes brasileiros eles já utilizam na escola (questão 15 do questionário-base), os títulos mais citados foram “O Caminho das Nuvens” (Vicente Amorim, 2003), “Ilha das Flores” (Jorge Furtado, 1989), “Central do Brasil” (Walter Salles, 1998), “Cidade de Deus” (Fernando Meirelles e Kátia Lund, 2002), “Xingu” (Cao Hamburger, 2011) e “Gonzaga: De Pai pra Filho” (Breno Silveira, 2012).

Muito embora, neste momento, não logramos identificar quais os objetivos propostos pelos professores ao utilizarem esses títulos na escola, parece-nos pertinente retomar a questão de que a escolha desses títulos decorre de sua função didática, como ferramenta pedagógica ao ensino de determinado conteúdo geográfico. O cinema sendo usado para fins exclusivos de ilustração temática, no sentido que Oliveira Jr. e Girardi (2011) apresentaram no texto “Diferentes linguagens no ensino de Geografia”, ou seja, a linguagem do cinema como maneira de comunicar algo. Nesse sentido, o cinema atuaria “como um suporte na aquisição de informações, por meio de processos de identificação dos elementos, análise, interpretação e reprodução, que, em regra, é a medida para a verificação da aquisição” (OLIVEIRA JR.; GIRARDI, 2011, p. 2).

Diante das sugestões de filmes elencados pelos professores, consideramos que as imagens do cinema são, em sua maioria, utilizadas em virtude de seu caráter ilustrativo. Nesse sentido, nos perguntamos se na visão dos professores, as imagens do cinema seriam um retrato do real?

Voltemos à análise dos enredos de três dos cinco filmes mais utilizados pelos professores em sala de aula.

O filme “O Caminho das Nuvens” tem seu enredo baseado em fatos reais e toma como trama o episódio real da decisão de uma família de migrar da Paraíba para o Rio de Janeiro, viajando de bicicleta. A história explorada é a aventura do paraibano Cícero Ferreira Dias, sua viagem de cinco meses e dois dias, do Nordeste ao Rio, e sua busca obstinada pelo “emprego de mil reais”. Já o documentário “Ilha das Flores” explora uma área conhecida como Ilha das Flores, localizada à margem do Rio Guaíba, que serviu como depósito de lixo de grande parte do lixo produzido em Porto Alegre. O documentário apresenta a vida de mulheres e crianças que vivem neste local a procura de alimentos no lixo descarregado pelos caminhões vindos da capital gaúcha. E, por fim, o filme “Cidade de Deus” retrata o crescimento do crime organizado em cenários urbanos cariocas, em particular, a favela Cidade de Deus que começou a ser construída na década de 1960 e se tornaria um dos lugares mais perigosos do Rio de Janeiro.

Algumas considerações acerca do cinema como conhecimento e invenção de mundos

Partindo para as palavras finais deste artigo, retomamos a frase disparadora desta escritura no intuito de refletir sobre os enredos e a utilização dos principais filmes indicados pelos professores, tanto dos exemplos do gênero Drama, como os exemplos de Documentários.

Dos dados da pesquisa apresentados, decorrem duas constatações que gostaríamos de trazer à baila.

A primeira, o papel educativo da imagem, ou seja, a função da imagem enquanto documento e janela para conhecer o mundo. É a partir das imagens que acessamos um mundo desconhecido e novo, repleto de lugares distintos: o centro do Rio de Janeiro, a favela Cidade de Deus, o Nordeste brasileiro, a casa de detenção; bem como de sociedades outras, povos singulares, seus costumes e tradições: os migrantes nordestinos, os grupos de policiais e de traficantes, a população marginalizada pelas desigualdades sociais das grandes cidades. Nessa primeira constatação, conferimos que nosso conhecimento perpassa o olhar e as imagens, uma das principais responsáveis pela construção de nossa ideia de mundo.



Desse argumento deriva nossa segunda constatação, pois consideramos que, embora a imagem tenha um importante papel na nossa concepção de mundo, a função da imagem pode e deve extrapolar as singelas ações de informar e ilustrar. As imagens nos educam e produzem em nós conhecimentos e sentidos sobre o mundo (OLIVEIRA JR.; GIRARDI, 2011; MIRZOEFF, 2016).

A segunda constatação coloca em suspensão as imagens enquanto espelho e representação da realidade. Parece ser indiscutível que as imagens constituem uma ordem de conhecimento sobre o mundo, bem como sua potência na formação de nosso imaginário espacial. No entanto, o que gostaríamos de problematizar com os dados desta pesquisa é a construção de um sistema de representação espacial, a partir de imagens, e a problemática de reduzir múltiplas trajetórias espaciais a uma única representação do fenômeno. Em resumo, fazer uso do cinema para ir além da ilustração e da explicação de determinado fenômeno geográfico, mas conceber a imagem como produtora de significados.

Em sintonia com essas abordagens, Hollman e Lois (2013), ancoradas nas pesquisas de Schwartz e Ryan(2003) afirmam que “os dispositivos pedagógicos, postos em jogo, tem contribuído para gerar noções de espaço, lugar, paisagem, nação e identidade e constituem “aliadas poderosas” da imaginação geográfica”.

As imagens cinematográficas são produtos de quem as idealizou, de quem as criou, portanto, são um ponto de vista do real, uma representação da realidade. A imagem é um retrato da realidade, e não o retrato da realidade. Mais que um retrato da realidade, a imagem pode ser um recorte da realidade (HOLLMAN, 2010), uma vez que, ao mesmo tempo em que as imagens dão a ver sobre determinada realidade, também excluem e inviabilizam, recortam e ausentam, logo, nos demandam cuidado no propagar e acentuar imaginários geográficos estereotipados de espaços e espacialidades brasileiras.

Finalmente, nos rastros de Didi-Huberman (2013), quiçá possamos indagar sobre as imagens, os imaginários e o cinema para pensar aberturas outras ainda não estabelecidas na geografia escolar.

Referências

AZEVEDO, A. F.; RAMÍREZ, R.; OLIVEIRA JR., W. O. (Orgs.). **Intervalo**: entre geografias e cinemas. v. 1. Braga: Editora da UMINHO, 2015a.



AZEVEDO, A. F.; RAMÍREZ, R.; OLIVEIRA JR., W. O. (Orgs.). **Intervalo**: entre geografias e cinemas. v. 2. Braga: Editora da UMINHO, 2015b.

COSGROVE, Denis. **Geographical Imagination and the Authority of Images**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2006.

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz. Cidades e lugares culturais, espaços e geografias fílmicas: compondo imagetivamente o lugar. **Revista Espaço e Cultura** (UERJ), n. 36, 2014. p. 139-153.

DIDI-HUBERMAN, G. **Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta**. Lisboa: KKYM+EAUM, 2013.

DUSSEL, Inés; GUTIERREZ, Daniela (Eds.). **Educación la mirada**: políticas y pedagogías de la imagen. Buenos Aires: Manantial, 2006.

FRESQUET, A. M. (Org.) **Cinema e educação**: a lei 13006. Reflexões, perspectivas e propostas. Ouro Preto: Universo, 2015.

FRESQUET, A. M. **Imagens do desaprender**. Uma experiência de aprender com cinema. Rio de Janeiro: Booklink/CINEAD/UFRJ, 2007.

HOLLMAN, Verónica; LOIS, Carla (Orgs.). **Geografía y cultura visual**: los usos de las imágenes en las reflexiones sobre el espacio. Rosario: Prohistoria, 2013.

HOLLMAN, Verónica. Imágenes e imaginarios geográficos del mundo en la geografía escolar en Argentina. **Annales de Geografía**, v. 30, p. 55-78, 2010.

LINDÓN, Alicia; HIERNAUX, Daniel. (Orgs.). **Geografías de lo imaginario**. Barcelona: Anthropos Editorial; México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2012.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 18, n. 4, p. 745- 768, 2016.

OLIVEIRA JR., W. M. O MISTÉRIO DAS COMÉDIAS ENTRE O CINEMA E A ESCOLA - primeiras perguntas de uma pesquisa às respostas dos professores de Geografia. Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 2017, Belo Horizonte. **Anais do XII ENPEG**, 2017. v. 1. p. 1142-1162.

OLIVEIRA JR., W. M. O que seriam as geografias de cinema? **Txt** (Belo Horizonte), v. 2, p. 10, 2005.

OLIVEIRA JR., W. M. **Chuva de cinema - Natureza e Cultura urbanas**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Campinas. Campinas, 1999.



14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia
Políticas, Linguagens e Trajetórias
Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019

OLIVEIRA JUNIOR, W. M.; GIRARDI, G. Diferentes linguagens no ensino de geografia. **Anais do XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia.** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2011. p. 1-11.